

EDUCADORES LAMENTAM A PERDA

A admiração pelo professor Leodegário de Azevedo Filho não era relacionada somente à sua conduta profissional, mas com a figura de ser humano que ele representava. Com uma longa jornada na Educação, Leodegário teve experiência em praticamente todos os segmentos. Atuou como professor do ensino médio da rede estadual do Rio e em universidades. Mesmo quando ocupou cargos importantes como Presidente da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL), como membro da Academia Carioca de Letras e da Academia Luso-Brasileira de Letras, o mestre não deixou de demonstrar sempre seu amor ao magistério e às salas de aula.

Para o professor Edgar Flexa Ribeiro, presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE), ter tido a oportunidade de conviver com o professor Leodegário significou aprender com a melhor fonte. Entre tantos atributos, Flexa destaca o modelo de educador que Leodegário sempre representou.

“Ele foi um mestre em toda a extensão do termo, em uma época em que ser professor era ser honrado, homenageado e prestigiado. Ele fez parte de uma geração de professores que eram reconhecidos como tal, respeitados pelo papel que exerciam. O respeito dedicado a ele não vinha só dos alunos, mas dos pais e do Estado. Todos o levavam muito a sério e ele mereceu toda distinção que recebeu em vida”, disse, emocionado, o educador.

O professor Flexa Ribeiro completou, ainda, que o valor de Leodegário será imortal pelas suas realizações e por ele ter depositado esperanças no estudante brasileiro, “() legado dele e ter sido mestre que foi. Seus feitos em sala de aula tonaram possível a formação de milhares de estudantes. Agora, cada um deles levará em si a marca do mestre. Por isso, enquanto viver um aluno, Leodegário viverá”.

Para Paulo Alcântara, presidente do Conselho Estadual de Educação, a perda do professor é irreparável e significará uma ausência irreparável na habilidade que ele exercia como ninguém, a de formar outros professores.

“A perda significa um grande vazio, pela capacidade que ele tinha de “fazer” escola e formar professores. Também pela capacidade dele de articular no movimento das academias do Brasil e de Portugal. Ele tinha a visão de quem cria e gera capacidade de mudança dentro das universidades. Ele criou a mentalidade acadêmica dentro do sentido profissional e científico e fortaleceu as academias, até mesmo a ABL, da qual não era membro, mas era muito participativo”, acrescenta o professor Paulo Alcântara.